

Indicadores culturais e políticas públicas

Juca Ferreira

O interesse pela produção de indicadores culturais se impôs como exigência à investigação das ciências sociais como uma decorrência da centralidade que passaram a ter os fenômenos culturais na organização da sociedade contemporânea; sobretudo em função de um crescimento sem precedentes da urbanização no planeta, aglomerando a população em grandes cidades e ampliando as faixas médias da população; ampliando sobremaneira o mercado de bens simbólicos.

Muitas linguagens, expressões e manifestações, gradativamente deixaram de ser exclusivas e restritas de um pequeníssimo público. A economia adquirida a partir da produção em escala é contrária ao exclusivismo, não combina com uma produção voltada para poucos. A aproximação da arte com a indústria e o mercado depende do grande público. O que a justifica é a massa. Sua perspectiva é a multidão. A cultura não teria se tornado central sem tornar-se expressiva economicamente.

Ainda assim, somente no início deste século nota-se algum esforço para estimar a dinâmica socioeconômica do setor cultural em termos de emprego, renda e agregação de valor a outras atividades. As estatísticas da Unesco que buscam quantificar o segmento chegam a estimar em 7% a participação média da economia da cultura no PIB mundial.

No rol das atividades elencadas e quantificadas pela Unesco estão incluídas a indústria fonográfica, as emissoras de rádio e TV, imprensa, empresas de comunicação, as artes de um modo geral, a fotografia, o cinema, artesanato, moda, design, culinária, lazer, entretenimento, publicidade, jogos eletrônicos, software, comércio de antiguidades, edição, editoração e publicações em geral etc.

A urbanização, a industrialização, o consumo de massa e a ampliação das técnicas de reprodução contribuíram muito para dar esta complexidade aos fenômenos culturais no século XX. Comunicação, formação e informação passaram a ser itens de peso nos orçamentos domésticos.

O crescimento da dimensão cultural na economia tornou urgente a produção de indicadores. Como lidar com um setor tão dinâmico sem referências numéricas? Urge um maior conhecimento sobre a produção e consumo de bens e serviços, sobre o mercado de trabalho, sobre a participação do setor cultural na geração do valor global. Tornou-se urgente dimensionar a infraestrutura e os equipamentos disponíveis.

Mas o mais grave, além de não ser até 2005 um campo específico de pesquisa no IBGE a cultura até então só era vista como arte e patrimônio material. Não havia recomendações nem acordos internacionais que permitissem comparações, sistematizar dados e gerar novas estatísticas.

Não bastasse tudo isso, a cultura é um campo com particularidades que a torna de quantificação altamente complexa. Para que se tenha ideia do tamanho da teia de relações, basta que tenhamos em mente que todas as nossas práticas sociais são em essência diferentes formas de concretização de uma cultura.

Pelo enunciado aqui referido, pode-se perceber que se busca circunscrever um mercado muito difícil de quantificar e de formular indicadores minimamente confiáveis. Especialmente se apenas nos ativermos a uma ideia restrita de cultura, apenas enxergando como arte ou linguagens artísticas. Ainda mais se menosprezarmos como a arte se manifesta em nossa contemporaneidade. As linguagens artísticas metamorfoseiam-se desde seu nascedouro, crescem em complexidade e técnica, fundem-se, dialogam, se transformam, morrem, e até ressuscitam. Com a arte hoje não poderia ser diferente. Falta-nos um alargamento do sentido da arte, uma “arte no horizonte do provável”, uma “obra aberta”. Isso certamente nos faria melhor compreender o mercado de bens, produtos e serviços culturais.

A divisão do trabalho criativo foi ficando cada vez mais complexa, não apenas em sua fase de produção, mas também em sua comercialização, o seu consumo passa a ser maior. E foi precisamente a partir da intensificação deste diálogo da indústria com o mercado, entre a produção cultural e sua comercialização que se desencadeou uma infundável série de alterações na produção de bens culturais e artísticos, que ainda hoje não param de nos surpreender. Com a revolução industrial, com a urbanização e a ampliação das camadas médias, o artista passa gradativamente a não depender apenas da nobreza, do clero ou das classes mais abastadas. A arte se industrializa, ainda que uma

grande maioria resistia a assim enxergar e a buscar manter algumas linguagens artísticas no espaço sacrossanto que a nobre e o clero haviam reservado para elas. Naqueles salões não cabiam o que se realizava artisticamente nas feiras livres em termos de música, poesia, teatro, escultura, pintura e dança.

Por outro lado, tem dificultado em muito o dimensionamento deste mercado a informalidade, a irrelevância dada ao valor do próprio trabalho artístico da ampla maioria de profissionais dedicada a ele; à sua secundarização, seu papel de adereço, de complemento, de efeito, em parte fomentado pelos próprios artistas. O que não apenas lhes desvaloriza enquanto trabalho, como o invisibiliza enquanto fruição estética em uma cultura.

É, pois, precisamente para lidar com esta enorme teia de aranha de grande expressão econômica e cidadã que propusemos o desafio de reunir tantos estudiosos e militantes da causa. O Brasil precisa superar as dificuldades que a produção de indicadores se nos apresenta. Dela dependem as macros políticas engendradas no âmbito da cultura.